

ENTORNOS APROPRIATIVOS

Carusto Camargo



Na bagagem guardou *uma forma de gesso de seu umbigo e outra de um mamilo feminino utilizado em impressões da série "Mamilus in Memoriam"*

Quando falamos de *Vazoscorpos* ou *Muralhas do corpo*, falamos certamente de impossibilidade, de um amuralhar das memórias mais profundas percebidas e não nomeadas. Um corpo de coisas sentidas que não é possível verbalizar.

Derrocadas nas paredes de uma casa que o corpo tenta vedar, uma operação nomeada e ensaiada ao longo de todo o processo deste trabalho.

Deambulações nos espaços das duas cidades, Lisboa e Montemor-o-Novo, algumas paragens em lugares de fronteira, espaços *entre*, o exterior e o interior, fissurações que poderiam permitir uma entrada, um ver para lá do muro, da parede, percebe as intemporais e múltiplas histórias, cruzadas com as suas memórias e ficções.

No caderno sucedem-se ideias desenhadas, sucessivas propostas de intervenções participadas para o espaço urbano, para depois serem abandonadas, retornando ao torno.

A olaria tornou-se uma possibilidade construtiva, um refazer da ordem.

Rodar um pote exige o centramento do corpo do oleiro, a força centrípeta nas mãos que forçam e centram a matéria, para de seguida a abrirem criando um espaço interior, um vazio, uma forma. Muitas peças foram rodadas esborrachadas e coladas umas após as outras formando paredes.

O muro que o tempo desagregou, pode agora metaforicamente ser reconstruído por essa força interior, um desejo de reunião do fragmentado, a necessidade de uma nova ordenação.

A cerâmica no seu fazer, acontece na sequência do caos instaurado, com a extracção do barro, na sua ordem geológica natural, para a partir dessa condição passar a ser uma outra, a mater da criação, ser uma outra ordem ao serviço da imaginação, a possibilidade da transformação profunda do elemento pelo fogo.

Da mala saltaram os objectos de ligação como os traços de união, *os moldes de um mamilo e do umbigo*, *os fragmentos de bonecas de porcelana* estes instalaram-se de novo no corpo cerâmico.

Será que ao deslocar-se do seu habitus, circulando por outras geografias com *as suas coisas* na bagagem se alteraram e ampliam os sentidos? Qual a nova ordem gerada por esta deslocação?

O que guardará na bagagem ao regressar? O que irá acontecer no seu ponto de partida?

Talvez na cabeça uma fissura, como um fio de cabelo no corpo de um vaso.

Invisível, só o som do toque denuncia a sua presença.

Perdidos vamos vivificando, encontrando o nosso sentido, reunindo os fragmentos e reordenando os nossos mundos previsíveis e possíveis.

Virgínia Fróis

Montemor-o-Novo, 23 de Agosto de 2014



Um corpo em deslocamento para uma outra realidade, distante 8.799,53 km de seus afetos e posses, carrega no canto da mala, entre roupas e livros, pernas, braços e cabeças de porcelana, ferramentas de modelagem em argila, uma forma de gesso de seu umbigo e outra de um mamilo feminino utilizado em impressões da série “Mamilus in Memoriam”, composta de vasos e travessas cerâmicas modeladas em 2010 no torno, na roda, como se usa dizer em Portugal. Desejo de outros referenciais produtivos, distantes do vazio e do luto elaborados em “Vazocorpos” e “Minhas Mortes”, quando de seu mestrado e doutorado em Artes, nos últimos 3 anos, explora um processo apropriativo do entorno que acolhe e confronta seus percursos diários. Percurso este que, em 2014, não mais abrange a cidade de Porto Alegre e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul — Brasil, mas as cidades de Lisboa e Montemor-o-Novo e o pós-doutoramento no centro de investigação VICARTE-FBA da Universidade de Lisboa, sob a supervisão de Virgínia Fróis. Novo campo de ideias, de relações iconográficas impregnadas pelas paredes das casas de Portugal, de relações sociais, afetivas e políticas permeadas pelas comemorações de 40 anos de término do Estado Novo. Um novo olhar e campo de sensibilidades do mesmo corpo imerso no patrimônio arquitetônico do Alentejo, na imponência de suas muralhas e castelos, invadido pelo branco de suas residências, tingido de ocre, azul e vermelho, iluminado pela luz do entardecer, que percorre suas fendas e incita o espaço de sua memória a exalar sabores e novas relações poéticas e formais com novos entornos que desse corpo se apropria, de “Entornos Apropriativos”.



Entorno de um corpo

1.— 47 x 31 x 31 cm, cerâmica
1260°C, 2014.

2.— 43 x 30 x 30 cm, cerâmica
1260°C, 2014.



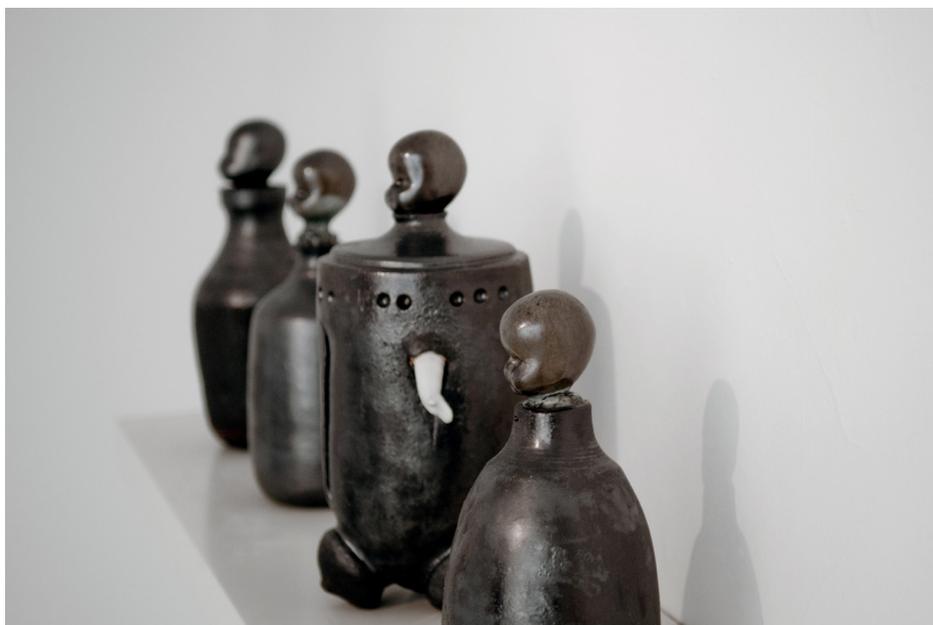
Entremuros e percursos

1.— 43 × 45 × 45 cm, cerâmica
1240°C, 2014.

2.— (detalhe) 39 × 51 × 51 cm,
cerâmica 1260°C, 2014.



Sobre a colina de um castelo
174 x 33 x 33 cm,
cerâmica 1260°C e objetos
de memória, 2014.



Sentinelas

1.— 30 × 13 × 13 cm,
29 × 12 × 12 cm, 33 × 20 × 20 cm
26 × 12 × 12 cm
cerâmica 1240°C, 2014.

2.— (detalhe) 30 × 13 × 13 cm,
29 × 12 × 12 cm, 33 × 20 × 20 cm
26 × 12 × 12 cm
cerâmica 1240°C, 2014.

CARUSTO CAMARGO carustocamargo@ufrgs.br / +351 919 882 887
Brasil, 1962. Artista Visual e Professor Adjunto do Departamento de
Artes Visuais do Instituto de Arte da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul — UFRGS, com Doutorado em Artes Visuais pela Universidade
Estadual de Campinas — UNICAMP. Coordenador do Núcleo de
Instauração da Cerâmica Artística (www.ufrgs.br/nica), do Laboratório
de Cerâmica Artística à Distância (www.ufrgs.br/lacad) e do Núcleo
de Instauração de Arte (www.ufrgs.br/nia). Desenvolve, em 2014,
Pós-Doutorado em Artes no Vicarte — Faculdade de Belas-Artes
da Universidade de Lisboa, sob supervisão da Professora
Doutora Virgínia Fróis.

Capa: *Entre trombetas e canhões*,
38 x 44 x 44 cm, cerâmica
1240°C, 2014.

9–26 setembro 2014 Galeria FBAUL

Horário da Galeria: 2ª a 6ª feira
9H00 — 19H00

FACULDADE DE BELAS-ARTES
UNIVERSIDADE DE LISBOA
Largo da Academia Nacional
de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa
T: [+351] 213 252 108
www.fba.ul.pt • fb.com/fbaul



UNIVERSIDADE
DE LISBOA

